

Oprimido (s) da pedagogia ao teatro: Paulo Freire e Augusto Boal, de Nima Spigolon, Adriano Nogueira (Orgs)

São Paulo: Cartago Editorial, 2018, 147 p.

Júlio César Marangoni

Mestrando em Gestão e Práticas Educacionais na
Universidade Nove de Julho. São Paulo – SP – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4336-5993>

julioanmarangoni@hotmail.com

As visões e diálogos de educadores, alunos e pesquisadores a respeito das obras do educador Paulo Freire e do diretor de teatro Augusto Boal é o tema que permeia o livro "Oprimido (s) da Pedagogia ao Teatro: Paulo Freire e Augusto Boal", organizado pela professora Dr^a Nima Spigolon em parceria com o professor Dr. Adriano Nogueira no Grupo Gestão Cultural e Escolarização – Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (GrupGeCultE - PROGEPE/UNINOVE), tendo como coautores seus alunos de mestrado e doutorado, participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação (GEPEJA-FE/UNICAMP) e do Grupo Gestão Cultural e Escolarização do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (GrupGeCultE - PROGEPE/UNINOVE), alunos ouvintes, docentes e outros convidados ligados à educação. Portanto, os textos que compõem a coletânea são frutos da disciplina Seminário Avançados ministrada no do primeiro semestre letivo de 2017, realizada na Faculdade de Educação/Unicamp, cujo título é "Temas e lugares entre fronteiras: EDUCAÇÃO e VIDA". O título é devido as aproximações que se

iniciaram em 2016 entre o professor Carlos Rodrigues Brandão (UNICAMP), e os Grupos de Pesquisa da UNINOVE.

Celebrando os cinquenta anos da publicação da obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, o livro que ora resenhamos traz como questão central: “o que seria, e como seria, ir além deste Educador?”, se baseando no próprio desafio proposto por Freire, de que as pessoas pudessem o superar e não somente reproduzir o que ele pontuou. A partir das discussões geradas durante o semestre letivo, em busca de uma educação libertadora, os relatos trazem reflexões e práticas em que Freire “se encontra” com Boal e que contribuem para a tão almejada educação libertadora que compreende a educação/pesquisa como emancipação e não como os intelectuais progressistas a veem, como se a educação fosse um lubrificante.

As reflexões realizadas abordam os períodos difíceis da América Latina, contém participações de educadores de outros países, inclusive com textos escritos em espanhol, e tenta retomar e reinventar Paulo Freire através de compreensões em modos inter e trans disciplinares. Segundo os autores “Estamos falando de contribuições que a América Central, América do Sul e vários países africanos, generosa e sofredamente oferecem ao mundo. [...]” (p. 15)

Iniciado com uma apresentação dos dois organizadores intitulada “Primeiras palavras” e seguida de um prefácio do professor Dr. Carlos Rodrigues Brandão contextualizando o caderno *Paulo Freire e o diálogo com os educadores e com Augusto Boal*, o livro é dividido em quatro partes, a saber: Autorias dos estudantes na disciplina; Discen-tes/docentes em suas respectivas salas de aula; Autores e suas pesquisas; Entrevista com Paulo Freire, sendo que todas possuem seus títulos iniciados em “Diálogo e escritos”.

A primeira parte “Diálogos e escritos: estudantes, autores, pesquisadores”, que

compõe mais de 50% da obra, traz dezessete textos dos estudantes na disciplina de seminário avançado, que narram sobre suas experiências, impressões e diálogo com Paulo Freire no campo da educação em conjunto com Augusto Boal, no teatro. Os autores expressam seus anseios, as angústias, as vontades e as possibilidades de uma educação mais inclusiva. As experiências são as mais diversas possíveis, cada indivíduo percorre um caminho distinto, mas ao conhecer as obras de Paulo Freire, os caminhos se cruzam e eles partem para a mesma direção, em busca da educação libertadora.

O professor de história e ciências sociais da Universidade Austral do Chile e mestrando em Educação pela UNICAMP, Juan Pablo Urrutia, narra as diferenças de expressões corporais do Chile em relação ao Brasil e traça questões importantes acerca das obras *Pedagogia do Oprimido* e *Teatro do Oprimido*, de Freire e Boal, respectivamente. “ Por outro lado, com la obra de Augusto Boal tengo la misma sensación que com Freire: eso de que son un produto que sólo em Brasil puede haber construído. [...]” (p. 42).

No seu relato intitulado “O meu encontro/encanto com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, a doutoranda Bianca Sanae Nakamoto, narra o início da sua trajetória como educadora, em que era tímida e não se sentia capacitada para a tarefa após estar graduada em Geografia. Tinha uma inquietação, um desejo de contribuir para a sociedade, acreditava em uma educação diferente. Após prestar concursos, quis saber quem era Paulo Freire, sempre solicitado nas leituras obrigatórias. Foi o ponta pé inicial para conhecê-lo, realizar o mestrado e saber que sempre sentiria que algo não estava completo, que o saber é sempre construído diariamente. As reflexões do livro a tiraram da sua zona de conforto. “[...] E, finalmente, conheci a Pedagogia do Oprimido, e percebi que já conhecia, só não tinha me apresentado e dialogado com ela. [...]” (p. 27).

Fotos e trechos de trabalhos realizados na disciplina são destaques na segunda parte “Diálogos e escritos: em sala de aula”, que com seus oito tópicos ilustram as

atividades oriundas das práticas, além de um texto que contextualiza o que é o mestrado profissional em educação, a relação com Paulo Freire e a importância de pesquisas acadêmicas que contenham um viés científico, mas que apresentem uma intervenção, redigido pelo professor doutor Jason Ferreira Mafra, diretor do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da UNINOVE.

A terceira parte “Diálogos e escritos: em sala de aula” traz seis textos de autoria dos pesquisadores escritos em forma de poesia e ensaio que traduzem esse espírito freiriano nas artes das palavras.

Uma entrevista exclusiva, realizada na própria casa de Freire em 1994, com a participação de um dos organizadores do livro, professor Adriano e de Joana Lopes encerram a obra com a quarta parte “Diálogos e escritos: entrevista com Paulo Freire”. O estilo adotado que segue as quinze páginas de reflexões, lembra a obra “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”, que traz as conversas entre Freire e o professor americano Ira Iran Shor. As reflexões abordam temas como educação progressista, o educador como um “artista-educador”, educação popular, leitura escrita e corporal, a concepção dos chamados educadores do terceiro mundo, entre outros.

O livro traz uma diversidade de identidades por apresentar possuir autores de diferentes áreas do conhecimento e instiga o leitor a oferece ao leitor o gostinho de o que é participar de uma turma de mestrado/doutorado ou grupo de pesquisa, no qual se reúnem estudantes com trajetórias distintas e saberes diferentes proporcionando e proporciona uma rica e profunda reflexão com um objetivo em comum. A teoria e prática permitem uma experiência única que revisita e reinventa a pedagogia e o teatro do oprimido. Em cada página, conseguimos enxergar os autores se apresentam como os protagonistas, assim como há o desejo de que cada aluno seja protagonista em uma educação libertadora.